

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE HISTÓRIA**

RADAMÉS RODRIGUES NETO

“DESEMBAINHE O SEU KINZJAL”: DISCURSO
ORIENTALISTA NA OBRA *KHADJI-MURÁT*, DE LIEV TOLSTÓI

CRICIÚMA, NOVEMBRO DE 2010

RADAMÉS RODRIGUES NETO

“DESEMBAINHE O SEU KINZJAL”: DISCURSO ORIENTALISTA
NA OBRA *KHADJI-MURÁT*, DE LIEV TOLSTÓI

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharel e Licenciado em História no curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Luiz Miranda

CRICIÚMA, NOVEMBRO DE 2010

RADAMÉS RODRIGUES NETO

**“DESEMBAINHE O SEU KINZJAL”: DISCURSO ORIENTALISTA NA
OBRA *KHADJI-MURÁT*, DE LIEV TOLSTÓI**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel e licenciado no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em História Cultural.

Criciúma, 08 de Dezembro de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Antonio Luiz Miranda - Doutorando - (UNESC) - Orientador

Prof. Carlos Renato Carola - Doutor - (UNESC)

Prof. Gladir da Silva Cabral - Doutor - (UNESC)

RESUMO

Os ressentimentos étnicos e a luta por independência contra o domínio russo já duram mais de dois séculos no Cáucaso, famosa cordilheira de montanhas que separa Europa e Ásia. O objetivo deste trabalho é tratar o tema desse conflito por meio da abordagem cultural. Elegemos para isso o romance **Khadji-Murát** de Liev Tolstói. Pretendemos, no referido texto, encontrar elementos de representação do homem caucasiano e discutir a respeito da relação entre história e literatura.

Palavras-chave: Cáucaso. História. Orientalismo. Literatura.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa da região do Cáucaso.....	22
Figura 2 – Movimentos reformadores iniciados por irmandades sufistas entre os séculos XVIII e XIX.....	28

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. FRONTEIRAS, DIÁLOGOS E INTERSECÇÕES: HISTÓRIA, LITERATURA E ORIENTALISMO	10
2.1 Mudanças paradigmáticas no campo da história.....	10
2.2 História e Literatura.....	12
2.2 Literatura e Orientalismo	17
3. AS LEBRES CONFERENCIAM, PARA RESOLVER COMO IRÃO EXPULSAR AS ÁGUIAS	21
3.1 <i>Svoboda ili Smert!</i> – Liberdade ou Morte!.....	21
3.2 Tolstói fala aos puros	24
3.3 Todos os caminhos levam a Allah	28
4. CONCLUSÃO	32
REFERÊNCIAS.....	35

1. INTRODUÇÃO

A história de produção desta monografia se confunde com a minha trajetória pessoal pelo curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense. Desde 2007 havia em mim uma inquietação pela história desses povos do leste europeu, sua austeridade, seus personagens pitorescos que parecem saídos de livros de literatura, suas cadeias de montanhas frias e invioláveis. No entanto, eu ainda não possuía conhecimento suficiente no campo teórico para produzir um trabalho que se encaixasse nas novas perspectivas da disciplina.

Eu já flertava com o islamismo desde 2006, e com a minha conversão oficial à religião em 2007, despertei para uma nova realidade tanto linguística quanto temática. Mesmo assim, meu primeiro projeto de um trabalho de conclusão de curso, produzido em 2008 com o título “*De Sarajevo a Grozny: Identidade étnica, nova ordem mundial e sociedades islâmicas no leste europeu na década de 1990*”, recebeu várias críticas, que julgo serem decisivas em minha vida acadêmica. A mais contundente de todas as críticas foi à ausência de uma discussão teórica e o não enquadramento do trabalho nas novas abordagens da disciplina. Minha situação era a seguinte: tinha um tema, mas não sabia como trabalhá-lo de forma mais profunda.

Foi então que li, pela primeira vez, o texto do professor Harsha Ram, intitulado “*Prisoners of the Caucasus: Literary Myths and Media Representations of the Chechen Conflict*”. Deixou-me muito surpreso o fato de que autores russos do século XIX, entre eles figuras de prestígio universal como Tolstói, escreveram sobre inimigos de seu país – dotando-os de certa nobreza.

Decidi procurar informações a respeito do romance **Khadji-Murát**, e o fiz antes mesmo de lê-lo. Consegui recolher alguns dados e fui, então, procurar a obra na biblioteca. Fiquei fascinado, li-a com emoção da primeira a última página, muitas vezes, não acreditando no que lia.

A suposta nobreza de Murát me fascinara, em minha mente apenas pairava a pergunta: Como um russo pode ver nobreza em um caucasiano? Esta foi minha primeira inquietação de pesquisa, por que representá-lo como paradoxo (selvagem - polido, herói - vilão, etc.) de uma história que sutilmente critica em seu prefácio, quando metaforizou de forma brilhante a flor espinhosa com a natureza

humana: “Que criatura destruidora e cruel é o homem, quantas plantas, quantos seres vivos diferentes ele não destruiu, para a manutenção de sua vida!”.¹

Como que por obra do acaso, surgira em minhas mãos um material que presumia ser rico e um tema – numa perspectiva bastante otimista – pouco estudado - o que me enchia de entusiasmo. Contudo, havia um grande ponto de interrogação pairando sobre esta ideia: como trabalhar com uma fonte que, a princípio, parecia totalmente desconectada dos caminhos da História?

Tal indagação fazia com que eu me sentisse cada vez mais descontextualizado em relação aos meus colegas, enquanto eles produziam artigos sobre – essencialmente – história local, eu não submergia em leituras sobre o momento atual da história e pós-modernidade.

No entanto, a resposta à minha pergunta não vinha: Como trabalhar com uma fonte literária? Este era o dilema de minha vida, tinha lido sobre Hayden White e sua valorização da narrativa como procedimento literário, em quem me inspiro para redigir as folhas que se seguem. Ainda assim, não tinha conhecimento de uma obra de história que usasse especificamente uma obra literária como fonte de pesquisa.

Até que meus professores falaram-me a respeito de certo professor da Universidade de São Paulo - USP, chamado Nicolau Sevcenko, que havia escrito um livro com o sugestivo título **Literatura como Missão**. Sevcenko libertou-me da já antiga e dolorosa dúvida que se tornara meu problema de pesquisa: é possível encontrar elementos da história dos chechenos na obra **Khadji-Murát** de Liev Tolstói?

O trabalho que se segue tem uma proposta diferente da de Sevcenko, o foco central deste trabalho é a representação do homem caucasiano em um romance específico e não a construção de um panorama cultural de um determinado período. Todavia, para um jovem aspirante a historiador, a obra de Sevcenko foi à materialização das palavras de Peter Burke em seu clássico **A escrita da história**, no qual ele nos afirma que:

Os maiores problemas para os novos historiadores, no entanto, são certamente aqueles das fontes e métodos. Já foi sugerido que quando os historiadores começaram a fazer novos tipos de perguntas sobre o

¹ TOLSTÓI, Liev. **Khadji-Murat**. Traduzido por Boris Schnaiderman. São Paulo: Cosac Naify, 2009, p. 23.

passado, para escolher novos objetos de pesquisa, tiveram de buscar novos tipos de fontes, para suplementar os documentos oficiais.²

Foi reunindo essas impressões e tentando pensá-las como potencialmente elucidativas para o estudo de história em geral, e de temas relacionados ao Islam em específico, que surgiu este trabalho. Tentei elaborá-lo de uma forma em que ele desse voz a temas que não são muito estudados, tanto por causa da distancia geográfica quanto por uma suposta irrelevância desses temas nas atuais discussões do campo da História.

As discussões com o meu orientador foram definindo um modelo para estruturação do trabalho, respondendo aos questionamentos a nós impostos pela pesquisa.

Optou-se por dividir o trabalho em dois capítulos. Início o primeiro capítulo analisando as transformações ocorridas na disciplina durante o século XX. Em seguida, discuto ao longo do capítulo as relações entre história e literatura e a relação dessas com os estudos pós-coloniais, com ênfase na obra de Edward W. Said.

No segundo capítulo, parto da situação atual da Chechênia para introduzir ao leitor a temática e, então, foco-me na análise da obra. Para tanto, seleciono dois capítulos, o primeiro e o décimo nono. A partir daí, atento para a análise de representação do homem caucasiano nos trechos escolhidos e para a representação do Islam na obra.

Concluo esta introdução lembrando que as novas perspectivas da história e suas novas temáticas de estudo só são possíveis porque acompanham uma renovação que, mesmo tímida, vem sendo utilizada e ampliada rapidamente dentro das ciências. Tal renovação metodológica é o holismo, conceito que busca ver o homem em sua totalidade e trabalhar as potencialidades da genialidade humana a salvo do dogmatismo cartesiano no qual a ciência desgraçadamente se converteu. Não é errado supor que o presente estudo tenha também se inspirado no holismo como corrente ideológica.

Radamés Rodrigues Neto

26 de novembro de 2010

² BURKE, Peter et. al. **A escrita da história**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista. 1992, p. 25.

2. FRONTEIRAS, DIÁLOGOS E INTERSECÇÕES: HISTÓRIA, LITERATURA E ORIENTALISMO

2.1 Mudanças paradigmáticas no campo da história

O século XIX está mais caracterizado como o século do triunfo das ideias e da suposta superioridade técnico-administrativa da Europa do que qualquer outro aspecto que se possa pensar. Evidentemente, tal assertiva se mostra completamente influenciada por um modelo de concepção histórica não comprometida com as atuais posturas assumidas pela disciplina em termos de elucidação e dissecação cada vez mais profunda das camadas onde o passado se condensa.

A história, enquanto disciplina, passou por uma grande mudança nos últimos cem anos; aquilo que se convencionou chamar de “método histórico” na época de Leopold Von Ranke, por exemplo, hoje é posto em xeque. As relações que a humanidade estabeleceu com o seu passado transformaram-se de maneira significativa durante o século XX. Há cada vez mais pontos nebulosos rondando a história, o que leva alguns teóricos a cogitar inclusive um suposto “fim” da mesma.

Esta não é uma perspectiva puramente contemporânea da qual ainda não temos total consciência – pelo fato de estarmos ainda vivenciando-a – mas uma indagação já antiga na ciência histórica. Encontramos a necessidade de rever as fronteiras e parceiros das ciências históricas desde o início do século XX, e, principalmente, a partir da Escola dos Annales. A escola teórica que vem ao mundo através das mãos habilidosas de dois professores da Universidade de Estrasburgo: Lucien Febvre (1878-1956) e Marc Bloch (1886-1944).³

Os dois lançam em 1929 a revolucionária revista **Annales d' histoire économique et sociale**, que ficou famosa por sua tendência anti-positivista e o rompimento com a escola metódica, imperante na época. Propôs-se, assim, uma aproximação da história com as demais ciências e principalmente com as ciências sociais. Este foi sem dúvida um momento impar para a disciplina, pois a colocou em contato com outras ciências como a sociologia, a economia e a antropologia, aumentando o seu leque de atuação.

³ TÉTART, Philippe. **Pequena História dos historiadores**. Traduzido por Maria Leonor Loureiro. Bauru: EDUSC, 2000, p. 108.

A aproximação com outros campos do saber possibilitou a Clio a incorporação de um número maior e mais variado de documentos que receberiam o título de “fonte histórica”. Essa postura rompeu com a visão tradicional de documento que era entendido como portador inquestionável de toda a verdade sobre os acontecimentos do passado, legitimando sua veracidade a partir de sua suposta oficialidade, como no caso de decretos, ementas e anais. Antonio Celso Ferreira mostra qual era a concepção tradicional de fonte histórica e de que tipo de historiografia tal concepção estava a serviço:

A Escola metódica francesa encarregou-se de estabelecer os parâmetros orientadores da crítica interna e externa das fontes com o objetivo de assegurar a autenticidade documental para reconstituir objetivamente o passado “numa correlação explicativa de causas e consequências”. Foi nessas circunstâncias que as fontes escritas, preferencialmente oficiais, ganharam o status de documentos verdadeiros para uma historiografia preocupada, sobretudo, com o encadeamento cronológico dos acontecimentos políticos nacionais. Nessa perspectiva, os textos literários, assim como outras fontes artísticas, não eram considerados documentos fidedignos para atestar a verdade histórica.⁴

Esse foi um importante passo que desde a década de 1930 até os dias atuais vem sendo a marca registrada da disciplina histórica. Esta nova concepção de história estimula a renúncia do uno em favor do múltiplo, o múltiplo olhar que traz a tona novos personagens, novos lugares possíveis e mais que isso, propicia o surgimento de novos olhares.

As atuais abordagens da disciplina estão sobremaneira interessadas em renunciar do uno em favor do múltiplo. Pretende-se, cada vez mais, trazer à tona novos personagens e novos lugares e, principalmente, novos olhares sobre estas camadas do passado. Neste sentido, a disciplina tem passado por uma renovação metodológica, estabelecido o diálogo com outras ciências que possam contribuir para um entendimento mais sistêmico do passado.

⁴ FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi et. al. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 63.

2.2 História e Literatura

Esta renovação se desmembrou em várias tendências ou paradigmas explicativos da História. Interessa-nos, aqui, uma dessas novas modalidades de se explicar a realidade, talvez a mais íntima e antiga relação da história e que, até os dias atuais, ainda propicia acalorado debate. As relações entre história e literatura não são novas. Se buscarmos na própria história seus períodos de contato, veremos que até antes da renovação científica do século XIX história e literatura mantinham-se em processo quase simbiótico, sua separação é concebida apenas com o metodismo do século XIX.

Entre todas as manifestações artísticas, é a literatura, com o seu óbvio caráter textual, que tem chamado a atenção de historiadores na elucidação de hábitos, modos de vida e relações de poder. Há mais de meio século os historiadores têm encontrado na literatura vasto material para pesquisa e confronto de dados, seguindo um conjunto de abordagens possíveis acerca do texto e seu universo circunscrito.

Tal fato exige um exercício intelectual árduo: o de buscar na ficção elementos representativos do real que obviamente são construções literárias. Um dos grandes expoentes da história cultural, o historiador Carlo Ginzburg⁵, nos definiu em uma frase – resgatada dos ideais literários de Marcel Prost – esse labor intelectual como: “ler a realidade às avessas, partindo de sua opacidade, para não permanecer prisioneiro dos esquemas da inteligência”.⁶

Entre ambas as disciplinas (história e literatura) pode, à primeira vista, parecer natural tal diálogo, visto que até o século XVIII ambas as ciências eram vistas como uma só, sem distinção. Contudo, só foi possível estabelecer tal diálogo a partir do ato de conceituar as duas disciplinas como distintas, mas em alguns casos como uma na condição de subgênero da outra – principalmente para teóricos como Hayden White e Dominick LaCapra – propiciando acalorados debates desde a década de 1960.

⁵ Criador de um método muito particular de análise, interpretação e sistematização da história partindo de elementos da vida cotidiana para acessar camadas mais amplas da realidade que ficou conhecida como micro-história.

⁶ GINZBURG, Carlo. **Nenhuma ilha é uma ilha**: Quatro visões da literatura inglesa. Traduzido por Samuel Titan Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 14.

A mais incisiva de todas as teorias acerca do caráter eminentemente literário da história é o estudo do historiador e professor de literatura comparada norte-americano Hayden White, que culminou no livro ***Metahistory: The Historical Imagination in Nineteenth-Century Europe***. Em português, **Meta-História: A imaginação Histórica do Século XIX**, lançado no Brasil pela Edusp, no qual White, a partir da análise dos clássicos da historiografia do século XIX, elege para análise as obras de Alexis de Tocqueville, Jacob Burckhardt, Jules Michelet e Leopold Von Ranke. Além disso, White também examina as obras dos principais filósofos da história do mesmo período, o século XIX, entre eles Croce, Hegel, Marx e Nietzsche, demonstrando como cada um deles – tanto os historiadores como os filósofos da história – estruturaram seus discursos a partir de procedimentos literários distintos.

O presente trabalho não tem a pretensão de discutir a cientificidade da história nem a fragilidade de seus métodos de análise. A literatura, neste caso, é analisada a partir da suposta possibilidade de encontro de elementos da realidade objetiva no texto literário e sua contribuição para um entendimento mais amplo do momento estudado.

Os atuais diálogos entre história e literatura não são mais a mescla entre ambas as disciplinas, mas um esforço mútuo de busca para o acesso a outras dimensões da realidade, fundamentalmente ligados ao atual fascínio dos historiadores por temas como o cotidiano, as relações de força ou poder – tomadas por empréstimo da prolixa obra de Michel Foucault, entre outros – e vários aspectos somente identificáveis nas visões mais microscópicas.

Isso só é possível graças à nova postura em relação à narrativa que a história assumiu principalmente após a crise dos paradigmas, reconciliando-se com a narrativa, assimilando-a como representação da realidade e não como reflexo da mesma. Neste ponto chegamos a uma aproximação entre ambas as disciplinas, pois tanto a história quanto a literatura, pautam-se sobre modalidades discursivas que estabelecem uma relação com a realidade.

Esta visão não descarta qualquer valor científico que a história possa almejar nem desabona a contribuição que a literatura nos dá no sentido da compreensão do passado, principalmente na sua forma de nos mostrar o ambiente mental que pairava sobre determinada época. O movimento de comunhão entre ambas, e não de sobrepujança de uma sobre a outra, é dissertado por Sandra Jatthy Pesavento da seguinte maneira:

Já vimos que a resposta dada pela história foi de que ela é uma ficção controlada, seja pelo método, seja pelas fontes, tal como pelo fato de que lida sempre com o acontecido, embora variem as formas de representar aquilo que aconteceu.⁷

Se a história aqui opera como medida entre a ficção e a realidade, o acontecido e a fantasia, a literatura e a história não podem almejar uma hegemonia ou mesmo uma simples ordem de importância no processo de interpretação dos modos de vida do passado. Antes, essas disciplinas precisam se reconhecer como protagonistas com objetivos distintos, mas que se complementam ao fim do processo da busca em identificar o que é concernente exclusivamente à subjetividade do autor perante o produto final, ou seja, o texto. Partindo dessa primeira análise textual, parti-se para a tentativa de observar a ressonância dessas ideias contidas no texto no momento histórico no qual é concebido e também analisa-se toda a receptividade desses textos em seus respectivos períodos históricos, aventura empregada por historiadores como Roger Chartier e Robert Darnton.

Na perspectiva de ambos, a obra não é o único ou principal objeto de estudo, seu conteúdo não fala por si só, sendo necessário buscar, reestruturar as cadeias de difusão, circulação e veiculação dos textos, a partir de um complexo jogo de “detetive” que busca as sutis impressões que o texto deixou no seu público leitor, impondo-se a necessidade de reconstituir o impacto desse texto em sua sociedade. Para tanto é preciso reconstituir a recepção mediante não só de sua crítica pública, como jornais e revistas especializadas ou na própria censura desse material, mas mediante inclusive a correspondências que se estabeleciam entre leitores e autores, tipógrafos, donos de gráficas, etc.

Darnton aponta com maestria em suas obras para essas sutis relações entre o texto e quem o lê, e como essa leitura libera uma nova visão – às vezes mais crítica e transformadora do meio – em homens e mulheres, traçando uma rede de interligação entre diversas pessoas com papéis sociais distintos e o texto. Sobre a metodologia de uso da literatura pela história, Darnton nos revela que:

[...] O “novo historicismo” e a “nova história literária”, [...] representam uma tentativa de interromper o trabalho de desconstrução e assentar o estudo da literatura numa reavaliação do passado. [...] O historiador de hoje precisa trabalhar com uma concepção mais ampla de literatura, que leve

⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. 2. e.d. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p.82.

em conta os homens e as mulheres em todas as atividades que tenham contato com as palavras.⁸

Acessar esta concepção mais ampla da literatura é o grande desafio de historiadores, assim como produzir novos discursos acerca de fatos e personagens históricos. A escrita da história está se modernizando, e esta modernização se dá sobremaneira pelos desafios que a modernidade trouxe.

Em artigo intitulado “História & Literatura: uma relação possível”, Zeloí Aparecida Martins dos Santos chama a atenção para o fato de que o diálogo cada vez maior das ciências humanas e principalmente dessas com as ciências da linguagem possibilitou ao historiador usar mais da imaginação na construção de seus trabalhos, pois a própria história passa a repensar seus procedimentos teóricos.⁹

A visão acima pode ser sintetizada parafraseando Sandra Jatahy Pesavento quando ela declara: “Clio e Calíope participam da criação do mundo, como narrativas que falam do acontecido e do não-acontecido, tendo a realidade como referente a confirmar, a negar, a ultrapassar, a deformar.”.¹⁰

São estas as barreiras impostas ao ofício do historiador: conseguir captar no discurso literário aquilo que possa possuir de realidade, realidade esta, que existe nas entrelinhas de um discurso que por definição – literário – não tem nenhum compromisso objetivo com a realidade, mas que, no entanto, pode-se fazer valer de lugares, fatos e pessoas transpostas da realidade objetiva, para um campo mais vasto de possibilidades dessa mesma realidade objetiva, tendo o discurso como fio condutor entre a realidade expressa, sempre subjetivamente e, às vezes, subliminarmente, entre as posições e leituras de mundo que os personagens fazem. Dessa forma encontramos um duplo esforço dentro do labor intelectual, primeiramente o de identificar o real e o fictício no discurso literário e, em seguida, contextualizar com a realidade daqueles que o leram, sabendo que estes estão sempre afetados pela visão de mundo de sua época.

⁸ DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: cultura, mídia e revolução. Traduzido por Denise Bottmann: Companhia da Letaras, 1990, p. 132.

⁹ SANTOS, Zeloí Aparecida Martins dos, **História e Literatura**: uma relação possível. Disponível em [HTTP://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/RevistaCientifica2/zeloiodossantos.pdf](http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/RevistaCientifica2/zeloiodossantos.pdf) . Acessado em: 15/06/2010 às 20:30h.

¹⁰ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. 2. e.d. Belo Horizonte: Autentica, 2005, p. 80.

O perigo do anacronismo pode também ocorrer nesse tipo de abordagem, uma vez que as técnicas de leitura e os posicionamentos de quem os lêem mudam conforme a época em que vivem, e, principalmente, a ressonância desses textos deve ser entendida em primeiro lugar como visões de mundo de uma determinada época, intrinsecamente voltada aos problemas e anseios daquele período. A busca excessiva por semelhança entre esses discursos e o momento atual deve ser encarada com cuidado.

Falando sobre a obra de Ovídio, Darnton nos alerta para o perigo de associarmos nossas técnicas de leitura e nossa compreensão do texto com a dos homens do passado, ele diz que:

Ler Ovídio é enfrentar o próprio mistério da leitura. Ao mesmo tempo familiar e estranha, é uma atividade que partilhamos com os nossos ancestrais, mas nunca poderá ser igual ao que eles vivenciavam. Podemos alimentar a ilusão de sair do tempo para estabelecer contato com autores que viveram séculos atrás. No entanto, mesmo que seus textos tivessem chegado até nós sem nenhuma alteração [...], nossa relação com tais textos não pode ser a mesma dos leitores do passado.¹¹

Partindo dessa análise, podemos observar como se faz pertinente que a busca ao conteúdo do texto não extrapole o método, pois em se tratando de história, é ele o norteador de nosso trabalho. Podemos chegar a conclusões acertadas sobre vários temas que propositalmente foram utilizados pela literatura para produzir algum efeito crítico e até mesmo transformador na sociedade, porém é impossível chegar a essa afirmação se baseando-se em conexões que possam ser feitas entre, por exemplo, o romance **O Abolicionista**, de Joaquim Nabuco, e o atual sistema de cotas para negros nas universidades. Esses fatos parecem, à primeira vista, ter certa ligação, mas uma breve análise histórica mostrará como agem outros fatores, nesse processo, que não estão intimamente ligados ao romance.

Devemos, ao usar a literatura como fonte, estar em harmonia com o contexto bem como com o múltiplo olhar que a história propicia em sua análise. Hans Robert Jauss nos aponta para essa harmonia entre o geral e o particular:

A historicidade da literatura revela-se justamente nos pontos de interseção entre diacronia e sincronia. Deve, portanto, ser igualmente possível tornar

¹¹ DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: Cultura, mídia e revolução. Traduzido por Denise Bottmann: Companhia da Letaras, 1990, p. 147.

apreensível o horizonte literário de determinado momento histórico sob a forma daquele sistema sincrônico com referência ao qual a literatura que emergiu simultaneamente pode ser diacronicamente recebida segundo relações de não-simultaneidade, e a obra percebida como atual e inatual, como em consonância com a moda, como ultrapassada ou perene, como avançada ou atrasada em relação ao seu tempo.¹²

Este movimento dinâmico deve ser constante e sua reprodução no trabalho histórico é de importância vital para que não se incorram erros graves de natureza histórica.

2.2 Literatura e Orientalismo

Tendo cristalizado o processo dialógico entre história e literatura, partimos para a seguinte questão: Como se processa o uso da literatura como fonte histórica, especificamente em se tratando do século XIX? E mais, como usar esse recurso para termos uma nova visão acerca de temas como o colonialismo e os movimentos nacionalistas que pipocaram no mundo a partir da Revolução Francesa e contextualizá-las com a proposta do Orientalismo?

O principal referencial teórico deste trabalho é o crítico literário de origem palestina Edward Said e seu clássico ***Orientalismo***: O oriente como uma invenção do ocidente. Nesta obra Said nos mostra como a disciplina Orientalista se consolidou academicamente, mas também como procedimento de criação artística – inclusive literária – e quais os elementos presentes numa obra orientalista.

A partir da análise de clássicos da literatura, das artes e do pensamento ocidental do fim do século XVIII e do século XIX, Said mostra como o orientalismo clássico foi utilizado como instrumento de dominação pautada numa construção discursiva acerca de uma suposta incivilidade oriental. Said demonstra como tais discursos são visíveis em obras artísticas e literárias e quais eram os mecanismos utilizados para retratar o típico homem oriental.

A contribuição de Said ao pensamento acadêmico a respeito do Oriente foi no sentido de identificar uma série de procedimentos discursivos para representar as sociedades a leste da Europa, por meio de uma construção narrativa carregada de

¹² JAUSS, Robert Hans. *A história da literatura como provocação à Teoria Literária*. São Paulo: Ática, 1994, p. 48.

elementos "exóticos" sobre a vida e a personalidade no Oriente. Tais representações criam a idéia incivilidade, que serve como pretexto para a dominação material do oriente, nesse sentido, Said revela que "o Orientalismo é mais particularmente valioso como um sinal do poder europeu-atlântico sobre o Oriente do que como um discurso verídico sobre o Oriente."¹³

A representação do outro é recorrente na literatura européia do século XIX e seu caráter pejorativo criou uma visão do oriente, e aqui em especial do mundo islâmico, por vezes exótico, por vezes preconceituoso, mas sempre remetendo a um lugar de mistério aquém da Europa e, por convenção, aquém da superioridade técnico-administrativa que esta representava. Said continua demonstrando como essa visão menospreza e relega o oriental a uma condição de sujeição. Para tanto, Said lembra de uma história ocorrida com o escritor francês Gustav Flaubert. Flaubert conheceu uma cortesã egípcia chamada Huchuk Hanem, em suas viagens ao Oriente, contudo quando ele a introduz em suas memórias, veja como Hanem é representada:

Ele falava por ela e a representou. Ele era estrangeiro, relativamente rico, do sexo masculino, e esses eram fatos históricos de dominação que lhe permitiam não apenas possuir fisicamente Kuchuk Hanem, mas falar por ela e contar aos seus leitores de que maneira ela era "tipicamente oriental".¹⁴

Assim, notamos como a questão da representação cultural do outro sob o signo de oriental está intimamente associado a um mecanismo de dominação, que não somente atua em termos reais, a dominação como um fenômeno legitimado por ideias de caráter científico questionável, mas também a violência contra o seu próprio meio de se relacionar consigo. Sendo desapropriado de qualquer traço psicológico que faça certo sentido em sua vida e sendo relegado a uma deplorável condição de "exótico", 'bárbaro' e 'atrasado'".

Historicamente, o produto final desse tipo de representação serviu para legitimar as posturas exercidas pelas potências européias perante suas colônias. Para tanto, foram amplamente difundidos na literatura dessas potências estereótipos para representar os orientais, quase sempre pejorativos e discriminatórios, como

¹³ SAID, Edward W. **Orientalismo**: O oriente como invenção do ocidente. Traduzido por Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p.33.

¹⁴ Ibidem, p. 33.

uma forma de identificação do outro. O crítico literário Homi K. Bhabha, um dos principais expoentes da chamada “escola pós-colonial”, conceitua o estereótipo dentro do contexto do que o próprio Bhabha chama de “discurso colonial”, como sendo:

O estereótipo [...] é uma forma de conhecimento e identificação que vacila entre o que está sempre “no lugar”, já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido... como se a duplicidade essencial do asiático ou a bestial liberdade sexual do africano, que não precisam de prova, não pudessem na verdade ser provadas jamais no discurso.¹⁵

Portanto, a criação do estereótipo para Bhabha, é um processo de “classificação” do sujeito e está intimamente ligado a um processo de dominação e sujeição desses. A cultura dominante não só se proclama como hegemônica como tenta apagar qualquer rastro de autonomia cultural desses povos, reforçando o caráter político que o discurso colonial adquire. Mais adiante em seu texto, Bhabha afirma que: “Reconhecer o estereótipo como um modo ambivalente de conhecimento e poder exige uma reação teórica e política que desafia os modos deterministas ou funcionalistas de conceber a relação entre o discurso e a política”.¹⁶

Podemos ver que as ideias de Bhabha sobre a criação de um “discurso colonial” partem de uma detalhada criação descritiva do outro que o destitui do direito de se afirmar como protagonista nas relações que este estabelece com o meio e o aprisionamento do mesmo numa condição de marginalidade que não toma as rédeas de seu próprio destino por causa de interesses políticos. Muito semelhante é a visão de Said, que se torna evidente quando Said aponta que:

A indagação imaginativa das coisas orientais era baseada mais ou menos exclusivamente numa consciência ocidental soberana, de cuja centralidade não questionada surgia um mundo oriental, primeiro de acordo com ideias gerais sobre quem ou o que era um oriental, depois de acordo com uma lógica detalhada regida não apenas pela realidade empírica, mas por uma bateria de desejos, repressões, investimentos e projeções.¹⁷

¹⁵ BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Traduzido por Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, p. 105.

¹⁶ Ibidem, p. 106.

¹⁷ SAID, Edward W. **Orientalismo: O oriente como invenção do ocidente**. Traduzido por Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 35

Estes são os mecanismos centrais de dominação que o colonialismo deixou, pelo menos evidentemente, dentro da análise literária do fenómeno que é nosso objeto de estudo. O interesse aqui se volta para a realidade produzida no discurso literário pelos mecanismos de dominação e conquista.

Portanto, a literatura, principalmente se for analisada mediante um procedimento teórico alinhado aos novos estudos do período colonial e destacadamente ao grupo intitulado pós-colonial, pode nos dar subsídios para entender os mecanismos de depreciação e a criação de discursos de inferioridade comprometidos com a dominação do outro. Tais discursos foram amplamente difundidos na literatura, principalmente na literatura europeia do século XIX, e mostrou-se um aliado na criação de imagens e panoramas mentais acerca do homem oriental.

3. AS LEBRES CONFERENCIAM, PARA RESOLVER COMO IRÃO EXPULSAR AS ÁGUIAS¹⁸

3.1 *Svoboda ili Smert!* – Liberdade ou Morte!

“Nós somos a brigada suicida do Islam, nossa tarefa é deter a guerra na Chechênia, seguimos as ordens de Shamil Basayev!”. Essas palavras foram concedidas à imprensa por um grupo de rebeldes chechenos que haviam sequestrado um teatro em Moscou. A operação fora realizada por Movsar Barayev, sobrinho de um comandante miliciano, Arbi Barayev.

O resultado daquele fatídico 23 de outubro de 2002 não poderia ser pior, as 6:00h da manhã as forças especiais russas invadiram o teatro. No caos do resgate quase 100 reféns perderam a vida. Todos os rebeldes chechenos foram mortos, seus corpos foram tratados com desprezo pelas autoridades.

A essa altura a Chechênia estava passando pela sua segunda campanha contra a ocupação russa no final do século XX. Depois de assinar um cessar fogo que lhe outorgara uma frágil independência em 1996, a Chechênia encontrar-se-á em ruínas, o presidente da República da Chechênia, Aslan Maskhadov, perde gradativamente o controle para as milícias e os *teips*¹⁹.

A segunda campanha da Chechênia ocorreu devido à invasão pela fronteira leste da Chechênia em direção à república vizinha, o Daguestão. Os separatistas comandados por Shamil Basayev – um dos maiores inimigos dos russos do século XX e que ironicamente tiveram o mesmo nome do grande líder da resistência caucasiana do século XIX – comandaram uma invasão ao Daguestão a fim de libertar seus irmãos do domínio russo.²⁰

Juntamente com as guerras decorrentes do desmantelamento da Iugoslávia, as guerras da Chechênia são o episódio mais sangrento do fim da União Soviética. A sensível harmonia de povos que tinham características históricas muito distintas – e que se viram obrigados a viver juntos com o traçado arbitrário das

¹⁸ O trecho na íntegra é o seguinte: “A única novidade que temos é que todas as lebres conferenciam, para resolver como vão expulsar as águias. E as águias fazem em pedaços ora uma, ora outra. TOLSTOI. **Khadji-Murát**, p. 27.

¹⁹ Os clãs que remontam a antiga organização social dos chechenos.

²⁰ ROSHCHIN, Mikhail. **Sufism and fundamentalism in Dagestan and Chechnya**. Disponível em: <http://www.ceri-sciencespo.com/publica/cemoti/textes38/roshchin.pdf>. Acessado em: 15/10/2010 as 23h.

fronteiras – finalmente ruiu quando da ausência de um estado forte que os controlasse.

Entretanto, a luta entre russos e caucasianos não é um fato recente, mas seguramente um ressentimento étnico que já dura mais de dois séculos. Para entendermos a luta dos chechenos, devemos levar em consideração certas peculiaridades históricas que culminariam na divisão territorial e na não aceitação do título de cidadãos russos por parte dos chechenos.



Figura 1 – Mapa da região do Cáucaso.²¹

Efetivamente, as campanhas para anexar a vasta cadeia de montanhas começou no século XVII, mas alcançou maior êxito durante o século XVIII, nos reinados de Pedro o Grande e Catarina II. A Cáucaso foi sendo anexado em sua parte sul, onde a população, que também contava com armênios e georgianos – de fé cristã – via na ocupação russa, proteção contra os povos muçulmanos.²²

A última fase da invasão russa se deu no norte do Cáucaso, onde as tribos muçulmanas – total ou parcialmente islamizadas – compunham um mosaico étnico-linguístico extremamente diversificado e que apresentavam pequenas semelhanças, muitas vezes tais semelhanças giravam em torno da fé em comum e alguns hábitos montanhesees como o código de direito consuetudinário. Essa foi a mais feroz campanha contra a ocupação russa na região, liderada pelo Imã Chamil,

²¹ Disponível em: http://www.flashpoints.info/countries-conflicts/Chechnya-web/Chechnya_briefing.htm. Acessado em 20/11/2010.

²² MOURADIAN, Claire in FERRO, Marc et. al. **O livro negro do colonialismo**. Traduzido por Joana Angélica D'Ávila Melo. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p. 445.

mas que foi na verdade uma herança de outro grande líder espiritual do Cáucaso Norte, o Shaykh Elisha Mansour Ushurma, ou mais conhecido como Shaykh Mansour.

Shaykh Mansour foi um erudito islâmico. Não temos informações precisas sobre sua juventude, o que sabemos é que ele nasceu no vilarejo de Aldi (na Chechênia) e ingressou na irmandade sufista – uma das vertentes do Islam de cunho místico contemplativo – *naqshbandi* em sua sede – na cidade de Bukhara, na Ásia Central. A primeira vez que caucasianos atacaram um destacamento russo foi em 1785 no rio *Shunzha*. A partir desse episódio, Shaykh Mansour buscou unir os muçulmanos do Cáucaso em uma *ghazavat* – guerra santa – contra os russos que perdurou até sua captura em 1791.²³

Toda essa encarniçada resistência só será neutralizada em 1859, quando, já sem condições materiais para continuar a luta, Chamil resolve se render. Apesar da aparente sensação de controle que os russos impuseram após a vitória sob Chamil, o Cáucaso – especialmente a região da Chechênia – continuou sendo uma terra hostil à dominação estrangeira e pequenos levantes perduraram por muitas décadas.

O fato mais trágico de toda a história do povo checheno, no entanto, foi à grande deportação ocorrida em 1944 a mando de Josef Stalin. Após terem sido acusados de conspirar contra a Rússia em favor dos nazistas – os alemães nunca estiveram no Cáucaso do Norte – os chechenos e seus vizinhos inguches foram condenados à deportação em massa para os *Gulags* – os campos de trabalhos forçados para onde eram mandados os opositores ao regime soviético – na Sibéria e para os desertos da Ásia Central, sobretudo os desertos do Cazaquistão.

Recebendo permissão para retornar à sua pátria só em 1959, os chechenos já haviam sido reduzidos à metade da população pré-deportação. Reintegrados à sua terra natal, houve um período de estabilidade que seria rompido com o fim da União Soviética e o surgimento dos movimentos separatistas da década de 1990.

Após esse breve levantamento histórico, passamos, então, à análise de obras literárias com o propósito de observar como tais eventos foram registrados a partir do olhar do escritor Liev Tolstói.

²³ BASHIRI, Iraj. **The murid wars**. Disponível em: <http://www.angelfire.com/rnb/bashiri/CentAsia/Murid.html>. Acessado em 5/10/2010 as 16h.

3.2 Tolstói fala aos puros

Analiso neste trabalho dois elementos do romance **Khadji-Murat**, de Liev Tolstói, o último romance do consagrado autor russo publicado postumamente em 1905, inspirado em sua própria experiência de combate no começo da vida adulta, quando serviu no Cáucaso, nos meados da década de 1840. Os elementos analisados são a composição do estereótipo do homem caucasiano e as representações do islamismo na referida obra, para tal eu analiso dois capítulos da obra e seu breve e comovente prefácio.

Tolstói nos revela, já nas primeiras páginas do romance, o caráter verídico de várias passagens do livro, porém não nega uma carga fictícia do romance: “Lembrei-me então de uma velha história caucasiana, que presenciara em parte e que completei com o depoimento de testemunhas oculares. Ei-la, como se formou em minha lembrança e imaginação.”²⁴

Como já foi dito antes, a cordilheira de montanhas que se situa no Sul da atual Rússia foi, desde a antiguidade, um ponto de passagem e encontro entre inúmeras civilizações, tendo sido cobiçado – e por vezes efetivamente dominado – por vários impérios. Todavia, o único império que teve um total domínio sobre a região foi o russo e este começou a incorporar o território no final do século XVIII, e sua lenta e sangrenta incorporação durou mais de dois séculos.

Tolstói tem como protagonista de seu romance um personagem real da história do Cáucaso, o intrépido Khadji-Murát que era um *Naib*, uma espécie de líder tribal e representante militar do separatismo caucasiano em território checheno. Murát após uma desavença com o líder supremo dos muçulmanos do Cáucaso, o Imã Chamil²⁵ busca apoio dos russos para libertar sua família que ficou cativa na fortaleza de Chamil, na cidade de Vedenó – no coração da Chechênia. No desenrolar da história observamos passagens de interação de Khadji-Murat e alguns de seus leais que fugiram com ele e com os russos. Podemos perceber nestas interações mecanismos de dominação e diferenciação de esquemas de representação que Tolstói usou nas características psicológicas de Khadji-Murat para representar os caucasianos de modo geral.

²⁴ TOLSTÓI, Liev. **Khadji-Murat**. Traduzido por Boris Schnaiderman. São Paulo: Cosac Naify, 2009. p. 24.

²⁵ Grande líder dos muçulmanos caucasianos que lutou por mais de 20 anos contra os russos rendendo-se somente em 1859.

Atentaremos para as vozes tanto dos protagonistas quanto as de personagens secundários no romance que, por meio de suas falas – ou de seu silêncio – demonstra-nos a preocupação do autor em representar uma situação de resistência. Tal situação pode ser analisada por todo o romance, mas já nas primeiras páginas Tolstói deixa explícito o caráter crítico de sua obra:

Colhi um grande ramallete de flores diversas, e ia para casa, quando notei, numa ravina, magnífica bardana carmesim em flor, daquela variedade que recebeu em nossa região o nome de “tártaro”, e que os ceifeiros sempre procuram cortar antes do centeio, mas, quando a misturam sem querer ao ceifado, atiram na fora para não se espetarem nos espinhos. Veio-me a ideia de cortar essa bardana e pô-la no centro do ramallete. Desci para o fundo da ravina e, depois de expulsar um zangão cabeludo, que se cravara no centro da flor e nela adormecerá flácida e docemente, comecei a cortar a haste. Foi muito difícil: não só havia espinhos por todos os lados, que me picavam mesmo através do lenço em que enrolara a mão, mas também a haste era tão forte que lutei com ela uns cinco minutos, rompendo as fibras uma a uma. Quando, finalmente, arranquei a flor, a haste estava em frangalhos, e a primeira flor não parecia tão fresca e bonita. E o seu alambicado grosseiro não combinava com as flores delicadas do ramallete. Lamentei o fato de ter destruído em vão a flor que era tão atraente em seu próprio lugar, e a joguei fora. “Mas que energia e que força vital” – pensei, lembrando-me dos esforços que me foram precisos para arrancar a flor. “Com que tenacidade ela se defendeu e como vendeu caro a vida!”²⁶

Tolstói era um crítico de sua sociedade, isso é perceptível em toda sua extensa obra – ou pelo menos em seus romances mais importantes como **Guerra e Paz** e **Anna Karenina** – e em **Khadji-Murat** não é diferente. A passagem citada acima é um dos primeiros parágrafos do romance e já denuncia uma situação de violência – a do próprio autor tentando retirar a bardana do solo – e metaforizar o ato de colher uma flor com o ato de dominação de uma nação, em questão não uma, mas um vasto território habitado por povos tão diversos entre si que compartilhavam apenas a fé em comum, o Islã. Apesar de haver uma crítica acerca do ato de violência concreto, ou seja, a guerra, Tolstói criou um modelo de homem para retratar Murát, um modelo de homem que assemelha-se ao nobre selvagem, pois, mostra-se supostamente mais culto e educado que seus anfitriões russos. Esse modelo de personalidade é ao mesmo tempo um ato de descontinuidade literária, tendo em mente que esta mentalidade de suposta nobreza do selvagem vem da poesia, entre outras, a de Lermotov.

²⁶ Ibidem, p.21-22.

Trabalhando com a representação midiática do conflito checheno, o professor Harsha Ram da universidade de Berkeley nos mostra como o mecanismo do Nobre Selvagem foi utilizada na literatura russa, ele nos aponta que:

É assim evidente que o discurso da literatura russa sobre a Chechênia não tem formato rígido em suas assertivas hierárquicas. Na verdade, estes termos podem ser - e foram - facilmente invertidos. A reversão mais característica envolve a transformação do homem selvagem em O Nobre Selvagem. [...] A "ficção" do Nobre Selvagem é essencialmente alegórica. Derivando das virtudes da natureza que antes eram consideradas sinais de atraso, o Bom Selvagem serve como um contraste positivo para as normas coercitivas da civilização europeia. Sua resistência não é mais um sinal de selvageria, mas uma função crítica, como uma valorização frente ao risco de ser pisoteado na marcha do progresso.²⁷

Essa nobreza selvagem também decorre de um sentido de justiça que é particular a cada um dos grupos, sendo muitas vezes conflitante em essência devido à oposição no modo de interpretar o sentido da existência. Lermotov foi o primeiro a atentar para a oposição entre modelos de justiça, quando focalizou o *Adat* – código de leis caucasiano anterior ao Islã – e a própria *Sharia* – o código de leis islâmico baseado no Alcorão e na tradição do profeta – como conceitos de justiça que retiravam aqueles seres da condição de selvagens sem organização estatal e viventes de um sistema anárquico.²⁸

Neste sentido o nobre selvagem cria um forte laço com a terra - talvez daí parta a ideia de metaforizar o homem como uma flor – sua resistência passa a ser um traço de sua cultura e isso é utilizado no romance, à baixeza que Murát comete ao passar para o lado dos russos é um reforço da cultura de resistência. Através desse suposto deslize moral, Tolstói trabalha o amor pela terra natal. Ram vai além e explica que:

O nobre selvagem, portanto, se torna um vira-casaca político, ou pelo menos um híbrido cultural. Tanto Izmail Bey de Lermotov como Haji Murát de Tolstói [...] viveram entre os russos e aliaram-se a eles temporariamente, apesar de suas parciais “russificações” só dependerem de seu senso de desenraizamento.²⁹

²⁷ RAM, Harsha. *Prisoners of the Caucasus: Literary Myths and Media Representations of the Chechen Conflict*. Disponível em: http://isees.berkeley.edu/sites/default/files/u4/bps_publications_/1999_01-ram.pdf. Acessado em: 10/7/2010 as 20:30hs. p. 6.

²⁸ *Ibidem*, p. 5.

Portanto o referido esquema de representação revela-nos mais a respeito do amor e apego a terra, por parte do nobre selvagem. Seu desenraizamento é parcial e temporário.

O referido procedimento literário de busca de uma suposta superioridade para suprir certa deficiência propositalmente criada como paradigma de diferenciação entre orientais e ocidentais, afirma haver em Khadji-Murát um discurso que demonstra uma visão oficial do homem caucasiano na sociedade russa. Sobre a construção da imagem do nobre selvagem, Hayden White diz que:

[...] a crença na ideia de um Nobre Selvagem era mágica, era extravagante e irracional no tipo de devoção que pretensamente despertava, e, no fim, revelava o tipo de deslocamento patológico do interesse libidinoso que normalmente associamos às formas de racismo que para se justificarem, dependem da ideia de uma “humanidade selvagem”³⁰.

A questão do nobre selvagem é um mecanismo racista que foi deliberadamente utilizada na historiografia sobre os temas relacionados à conquista e exploração do homem americano através de um discurso que enaltece pontos que são considerados “tabus” para os ditos civilizados³¹. Fazer uma análise comparativa destes dois casos – o novo mundo e o oriente – não caberia neste trabalho, por hora, tentarei identificar o estereótipo caucasiano no referido romance.

Murát carrega consigo, durante todo o romance, um pequeno grupo de seguidores, na cultura islâmica e em sua dimensão mística, o sufismo, estes seguidores tem o status de discípulos³². Interessante notar que no glossário da obra traduzida por Boris Schnaiderman o termo *muride* seja aplicado para designar os praticantes da guerra santa contra a Rússia.

A natureza resignada e calada dos *murides* no romance e a aparição deles em corpos jovens é também uma crítica a carnificina da guerra e ao ingresso cada vez mais precoce de jovens nos esforços de guerra caucasianos. Eldar é um exemplo clássico dessa triste realidade, um jovem *muride*, fiel a Khadji-Murát é retratado como belo, puro e tremulo. Tal apelo a um caráter jovial e puro dos

²⁹ Ibidem, p.8.

³⁰ WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso:** Ensaios sobre a Crítica da Cultura. Traduzido por Alípio Correia de Franca Neto. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. (p. 204)

³¹ Ibidem, p. 208.

³² A verdadeira tradução da palavra árabe *murid* é discípulo.

murides é também um apelo à nobreza, visto que os chechenos são representados como resignados guerreiros que amam sua pátria mais do que qualquer outra coisa.

3.3 Todos os caminhos levam a Allah

O segundo aspecto que atento em minha análise é como Tolstói retrata o Islamismo em seu romance, que cenas particulares da crença muçulmana são retratadas. Irei usar partes do I e do XIX capítulos para ilustrar minha explanação, e tentar com isso fazer um panorama cultural onde o Islamismo é o centro da vida social no Cáucaso – ou pelo menos na região estudada (Chechênia) – e um elemento de identidade cultural.

O Islam chegou à região por volta do final do século XVI por missionários turcos e persas. A islamização deu-se a partir do Daguestão para oeste, atingindo os Chechenos apenas no século XVIII e os inguches, no século XIX. Sua adesão foi rápida e logo os antigos costumes do *Adat* foram somados, ou modificados pelos impostos pela *Sharia*.



Figura 2 – Movimentos reformadores iniciados por irmandades sufistas entre os séculos XVIII e XIX.³³

³³ ROBINSON, Francis. **O mundo islamita : esplendor de uma fé.** Madrid: Del Prado, 1996. p.118.

Isto só foi possível graças a um fato que a primeira vista pode passar despercebido, mas que é fundamental para entender o processo de conversão desses povos: a natureza da conversão e o ramo da religião islâmica ao qual esses indivíduos foram introduzidos. O referido ramo da religião islâmica predominante na região é o sufismo, a vertente mística do Islam que remonta aos tempos de Muhammed:

As origens do sufismo remontam ao próprio âmago do Islam, nos tempos do profeta. Seus conhecimentos muito cedo atraíram grupos de estudiosos que passaram a ser chamados *Ahle Suffe*, “o povo da plataforma”, devido ao habito de permanecer sentados no chão da mesquita de Maomé, na cidade de Medina. Ali, eles se entregavam a longas discussões sobre a realidade do ser e a busca do caminho e da disciplina interior capaz de conduzir a purificação espiritual e à meditação.³⁴

O sufismo é dividido em irmandades, confrarias que basicamente trabalham os aspectos místicos do Islam a partir de suas interpretações do alcorão e da tradição do profeta. A mais influente ordem sufista atuante na região é a irmandade naqshbandi, que foi fundada no século XIV por Bahaudin Naqshbandi na cidade de Bukhara, Ásia Central.³⁵

Esta vertente foi atraente aos povos islamizados devido ao seu caráter místico e benevolente que dava bases místicas a religião e era assimilado em conjunto, nas cerimônias de louvor a partir do brado de uma modalidade de oração denominada no Islam de *zikr* (relembrar). A cerimônia do *zikr* era um momento de congregação da comunidade, assim como, as orações canônicas do Islam.

O sufismo também apela para o *jihad*, o esforço, uma obrigação de todo o muçulmano para esforçar-se na propagação da religião e na luta para a melhoria constante do caráter. O termo, que pode ser empregado aos mais variados contextos foi um impulso moral para os povos montanhese resistirem à invasão russa e ao comprometimento da liberdade de culto. Jihad, também é caracterizada muitas vezes como Guerra Santa, herança dos primórdios do Islam quando muçulmanos e coraixitas travaram uma sangrenta luta de 10 anos pelo controle de Meca. Os hábitos islâmicos aparecem constantemente no romance Khadji-Murát,

³⁴ Sufismo: O esoterismo secreto do Islã. **Planeta**. São Paulo: Ed. Três, nº 412, p. 54, jan. 2007

³⁵ BASHIRI, Iraj. The murid wars. Disponível em: <http://www.angelfire.com/rnb/bashiri/CentAsia/Murid.html>. Acessado em 05/10/2010 as 16h00min.

eles estão, em sua maioria, retratando cenas corriqueiras. Elas podem estar associadas a uma seção legislativa na presença de um conselho de sábios na aldeia, ou ao simples ato de receber um convidado.

O Islã é apresentado muitas vezes no romance pela sua peculiar prece voluntária, que aplicada a diversas situações remete ao espírito de gratidão, forte traço da teologia islâmica. A cena a seguir descreve uma visita de Khadji-Murát a um ancião como intuito de pedir ao filho do ancião que o guie até o lado russo da fronteira. Observem como foi à recepção do ancião antes de iniciar um diálogo com Khadji-Murát:

“O velho sentou-se em frente, sobre os calcanhares nus, cerrou os olhos e levantou as mãos com as palmas para cima. Khadji-Murát fez o mesmo. Em seguida, ambos proferiram uma oração e alisaram o rosto com as mãos, que se tocaram na extremidade da barba.³⁶

Outra importante passagem que retrata aspectos da cultura islâmica na obra se passa no capítulo XIX. Chamil regressa de uma encarniçada batalha contra os russos e precisa retomar as atividades legislativas.

Entre inúmeros casos o que mais lhe interessa é saber como irá atrair Khadji-Murát para Venedo, uma vez que a família de Murát permanece cativa. Chamil usa a família de Murát como uma isca para atraí-lo.

Esse capítulo trás outro elemento importante da cultura islâmica: a importância do mestre, o guia espiritual. No início do capítulo, Tolstói nos apresenta Chamil em campo de batalha, atirando de rifle e desembainhando sua espada para combater corpo a corpo com os russos, porém ele é detido por um *muride*.³⁷

Todo o capítulo tem Chamil como o centro e a trama orbitando ao seu redor mostrando a importância do líder para a comunidade. Todos os *murides* bradam a frase principal da doutrina islâmica “*La ilaha ila Allah*” – não há outra divindade além de Deus – rodeando o seu líder.

Após o fervor da recepção Chamil se reúne com seu mestre, o ancião Djemal-Edin que avisa sobre a ameaça de deserção de chechenos que vivem muito próximos de zonas conquistadas pelos russos. Djemal-Edin então lê uma carta que pretende enviar a estes chechenos.

³⁶ TOLSTÓI, Liev. **Khadji-Murat**. Traduzido por Boris Schnaiderman. São Paulo: Cosac Naify, 2009. p. 27.

³⁷ Ibidem. p. 164.

A carta é uma síntese da luta pela independência, mas ao mesmo tempo mostra aspectos de preocupação com o possível desaparecimento de sua cultura, supostamente comprometida com o avanço russo. Segue a carta:

Desejo-vos paz eterna com Deus onipotente. Ouvi dizer que os russos vos fazem e vos convidam a submissão. Não lhes deis credito e tende paciência. Se não fordes premiados por isso na vida presente, sê-lo-eis na futura. Lembrai-vos do que sucedeu outrora, quando vos tiraram as armas. Se, em 1840, deus não tivesse feito descer sobre vós a razão, serieis agora soldados, usaríeis baioneta em vez de punhal, as vossas mulheres não usariam *charovári* e estariam desonradas. Julgai o futuro pelo passado. É melhor morrer na guerra contra os russos do que viver com os infiéis. Tende paciência, e eu irei até onde estais, com o sabre e o Corão, e conduzir-vos-eis contra os russos. E agora vos ordeno severamente que não tenhais intenção ou sequer o mais ligeiro desígnio de vos submeter aos russos.³⁸

Podemos perceber nesta carta a síntese do sentimento daqueles povos montanhesees que sentiam sua existência e austeridade ameaçadas pela presença russa. A carta endereçada aos chechenos é um emblema, uma imagem literária de um momento particular da história caucasiana que exprime de maneira singular o medo e a resistência frente à ameaça da destituição de suas terras e cultura.

³⁸ Ibidem. p. 169 e 170.

4. CONCLUSÃO

Há algumas décadas seria impossível analisar aspectos da história de um povo e sua luta por independência usando como fonte primária uma obra literária. O presente trabalho – mesmo que em caráter introdutório, por se tratar de uma monografia – tentou abordar a história de um momento sangrento da história da Rússia, por meio, justamente, de uma fonte literária.

A riqueza de detalhes e maestria narrativa, competências que Tolstoi demonstra em seus romances foram de fundamental importância na composição deste trabalho. Provavelmente, não haveria a possibilidade de uma análise mais profunda da cultura caucasiana sem essa riqueza descritiva utilizada pelo autor.

Exercitar a sensibilidade para mesclar poética e teoria foi um dos grandes desafios desta obra, apesar de haver em sua composição uma espécie de “fronteira” entre teoria e análise materializada pela proposta de cada capítulo. Mesmo assim, em momentos como o tópico sobre literatura e orientalismo, discuto teoricamente passagens da obra de Edward Said que demonstram a construção do outro oriental na literatura.

Quando cito Said comentando a relação entre a dançarina egípcia Huchuk Hanem com Gustav Flaubert, tento demonstrar como o imperialismo tenta legitimar a dominação do outro e que esse mecanismo precisava da literatura para ser reproduzido. Todas as citações do meu objeto de estudo – com maior ou menor dramaticidade e poética – tentam mostrar um pouco mais desse ambiente “oriental” que o imperialismo – russo ou não – ansiava em dominar.

Evidentemente, houve resistência em vários contextos desse desejo de dominação estrangeiro. Por isso, o título desembainhe o seu *kinzjal*. *Kinzjal* é um punhal típico da região do Cáucaso, usado pelos guerreiros chechenos como parte do traje tradicional.

Desembainhar um punhal aqui pode ter um duplo significado, tanto o de combater um inimigo quanto o de lutar pela garantia de sua própria existência que seria impossível se sua cultura e modo de vida desaparecesse. É nesse sentido que o guerreiro se entrega a uma perigosa aventura para salvar sua família, arriscando-se por uma finalidade altruísta, a da liberdade.

O esforço de libertar a sua família – a trama central do romance – onde Khadji-Murát encontrará sua morte é uma metáfora do amor a terra que o caucasiano cultiva em si. Nesse sentido pode-se compreender o nobre selvagem como aquele que luta pela sobrevivência de sua cultura, por meio de uma suposta resignação moral. Longe de ser explorado em sua totalidade, o tema do nobre selvagem foi muito recorrente na literatura do século XIX e Tolstoi soube utilizá-lo em seu romance.

Meu problema de pesquisa inicialmente girava em torno da pergunta: é possível identificar elementos da história e cultura caucasiana com base na análise da obra **Khadji-Murát**? Com a elucidação, mesmo que parcial, da problemática de minha pesquisa, houve um desmembramento desse problema de pesquisa que aponta para uma vasta gama de perguntas secundárias, muitas delas não vislumbradas no presente trabalho.

Tanto o estudo comparativo das lutas de resistência no Cáucaso com o movimento de independência da Argélia – os líderes de ambas as revoltas se encontraram em Meca durante a década de 1870 – quanto a identificação de elementos semelhantes de representação do nobre selvagem nas literaturas de outros países que sofreram com o colonialismo são sugestões possíveis para a pesquisa usando como fonte o romance **Khadji-Murát**.

Com o desmembramento de algumas nações do leste europeu, Ásia e África o tema do separatismo que abarca questões étnico-culturais é um campo que deve ser melhor explorado pelos pesquisadores de história cultural. Tentei explicitar a representação do homem caucasiano no século XIX com base na literatura, contudo semelhante pesquisa poderia ser desenvolvida como uma abordagem da história do tempo presente – como, por exemplo, os choques entre grupos neonazistas e caucasianos em Moscou, ou as máfias de rua chechenas atuantes em Moscou desde o fim da primeira campanha da Chechênia –.

Os estudos sobre o Islamismo são outra lacuna que precisa ser sanada pela historiografia brasileira, sua invisibilidade nos grandes debates historiográficos a nível nacional contribui para o surgimento de discursos preconceituosos que não conseguem ir além do senso comum por falta, muitas vezes, de um maior debate sobre o assunto. Questões como choque cultural e fundamentalismo, por exemplo, são exaustivamente discutidos na atualidade, mas pouco explorados em sua gênese histórica e sem a apresentação e discussão do Islam como civilização, abrangendo

todos os aspectos da análise histórica – política, social, cultural, econômica, etc. – seria difícil entender a proposta deste trabalho, assim como o de outros trabalhos pautados na representação e visão de mundo do Oriente – geográfico – e suas relações com o ocidente.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Traduzido por Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BASHIRI, Iraj. **The Murid Wars: (Ghazavat) 1785-1861**. Disponível em: <http://www.angelfire.com/rnb/bashiri/CentAsia/Murid.html>. Acessado em: 05/10/2010 as 16hs00mins.

BURKE, Peter et. al. **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista. 1992.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: Mídia, cultura e revolução**. Traduzido por Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FERREIRA, Antonio Celso. **A fonte fecunda**. In: PINSKY, Carla Bassanezi et. al. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

GINZBURG, Carlo. **Nenhuma ilha é uma ilha: Quatro visões da literatura inglesa**. Traduzido por Samuel Titan Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

JAUSS, Robert Hans. **A história da literatura como provocação à Teoria Literária**. São Paulo: Ed. Ática, 1994.

MOURADIAN, Claire in FERRO, Marc et. al. **O livro negro do colonialismo**. Traduzido por Joana Angélica D'Ávila Melo. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2005.

RAM, Harsha. **Prisoners of the Caucasus: Literary Myths and Media Representations of the Chechen Conflict**. Disponível em: http://iseees.berkeley.edu/sites/default/files/u4/bps_/publications_/1999_01-ram.pdf. Acessado em 10/07/2010 as 20hs30mins.

ROBINSON, Francis. **O mundo islamita : esplendor de uma fé**. Madrid: Del Prado, 1996.

ROSHCHIN, Mikhail. **Sufism and fundamentalism in Dagestan and Chechenya**. Disponível em: <http://www.ceri-sciencespo.com/publica/cemoti/textes38/roshchin.pdf>. Acessado em: 15/10/2010 as 23:00hs.

SAID, Edward W. **Orientalismo: O oriente como invenção do ocidente**. Traduzido por Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, Zeloí Aparecida Martins dos, **História e Literatura: uma relação possível**. Disponível em <HTTP://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/RevistaCientifica2/zeloiodossantos.pdf>. Acessadoem: 15/06/2010 as 20:30.

Sufismo: O esoterismo secreto do Islã. **Planeta**. São Paulo: Ed. Três, nº 412, p. 54, jan. 2007

TÉTART, Philippe. **Pequena História dos historiadores**. Traduzido por Maria Leonor Loureiro. Bauru: EDUSC, 2000.

TOLSTÓI, Liev. **Khadji-Murat**. Traduzido por Boris Schnaiderman. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso: Ensaio sobre a Crítica da Cultura**. Traduzido por Alípio Correia de Franca Neto. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

Mapas:

Mapa da Região do Cáucaso. Disponível em: http://www.flashpoints.info/countries-conflicts/Chechnya-web/Chechnya_briefing.htm. Acessado em 20/11/2010.

ROBINSON, Francis. **O mundo islamita : esplendor de uma fé**. Madrid: Del Prado, 1996.